

**Romance juvenil: panorama via prêmio jabuti (2007-2017)/ *Juvenile Novels: overview by Prêmio Jabuti (2007-2017)***

*Cristina Rothier Duarte*<sup>\*</sup>

*Daniela Maria Segabinazi*<sup>\*\*</sup>

*Maria das Graças de Aquino Santos*<sup>\*\*\*</sup>

**RESUMO**

Este artigo apresenta um panorama da produção literária de romances juvenis dos títulos contemplados pelo Prêmio Jabuti (2007 – 2017). Para a realização deste estudo, tomamos como aporte teórico investigações acerca da Literatura Juvenil realizadas por Ceccantini (2004; 2010), Cruvinel (2009), Delbrassine (2006), Gregorin Filho (2011), Zappone (2015), entre outros. A seleção do *corpus* que compõe esta pesquisa pautou-se na importância que o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes assume frente à comunidade científico-acadêmica quanto à qualidade e confiabilidade enquanto repositório de estudos, e no prestígio que é conferido ao Prêmio Jabuti – promovido pela Câmara Brasileira do Livro. Os resultados apontam para um panorama em que a produção editorial de qualidade do romance juvenil se destaca frente ao demais gêneros. Apesar disso, constatamos, dentro da delimitação da pesquisa, que esse tipo de narrativa ainda não tem recebido a devida atenção de investigadores e estudiosos da área, necessitando ampliação e aprofundamento dos seus estudos em âmbito nacional e internacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Juvenil; Prêmio Jabuti; Leitura literária.

**ABSTRACT**

*This paper presents an overview of the literary production of juvenile novels of the titles contemplated by the Prêmio Jabuti (2007 – 2017). In order to accomplish this study, we take as theoretical support investigations about the Youth Literature carried out by Ceccantini (2004; 2010), Cruvinel (2009), Delbrassine (2006), Gregorin Filho (2011), Zappone (2015), among others. The selection of the corpus that composes this research was based on the importance of the Catálogo de Teses e Dissertações da Capes assumes before the scientific-academic community in terms of the quality and reliability as repository of studies, and in the prestige that is conferred to the Prêmio Jabuti - promoted by the Câmara Brasileira do Livro. The results point to a panorama in which the quality of the editorial production of the juvenile novel stands out against other genres. In spite of this, we find within the delimitation of the research, that this type of narrative has not yet received the due attention of researchers and scholars of the area, requiring expansion and deepening their studies in national and international scope.*

**KEY WORDS:** Youth Literature; Prêmio Jabuti; Literary Reading.

## **1 Introdução**

A literatura infantil e juvenil brasileiras é um fenômeno que nasce, cronologicamente, na última década do século XIX, com características próprias de um período de transição: ainda não era definitivamente autônoma frente à influência que recebia da literatura estrangeira predominante na época – linguística e culturalmente

---

<sup>\*</sup>Mestranda em Letras pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, PB, Brasil. Endereço eletrônico: cristinarothierduarte@gmail.com.

<sup>\*\*</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba– UFPB, João Pessoa, PB, Brasil. Endereço eletrônico: dani.segabinazi@gmail.com.

<sup>\*\*\*</sup>Mestre em Estudos da linguagem – UFRN. Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN campus São Gonçalo, RN, Brasil. Endereço eletrônico: gracia.santos@ifrn.edu.br

distante de nossas crianças e jovens, visto que ou eram escritas em outros idiomas, como o francês, ou eram traduzidas para o Português lusitano –, nem dotada de uma estética capaz de conceber a produção desse período como apartada de conceitos edificantes e pedagógicos.

Nesse contexto, o jornalista e escritor macaense Figueiredo Pimentel, que por ser conhecido por sua escrita naturalista polêmica, é convidado por Pedro Quaresma, proprietário da Livraria Quaresma – antiga Livraria do Povo –, para organizar uma coleção destinada a esse público infantil, então carecedor de uma literatura que apresentasse uma linguagem e elementos culturais mais próximos de sua realidade, denominada de *Biblioteca Infantil* da Livraria Quaresma. Assim, em 1894, é lançada a primeira obra dessa coletânea, *Contos da carochinha*, reunindo 40 contos populares das mais variadas origens, ponto de partida para a criação de um ambiente propício à produção literária que atingiria seus sucessores.

No entanto, de acordo com Ceccantini (2000, p. 16-17), é somente com Monteiro Lobato (1882-1948) que, nos anos 20, com o início e a consolidação de um “[...] público consumidor fiel para o livro infanto-juvenil que essa modalidade literária adquiriu uma face própria e alguma autonomia entre nós, vindo a desembocar no conhecido *boom* das décadas de 70 e 80.”

No tocante à literatura juvenil “apartada” da infantil, seu salto quantitativo, ainda conforme Ceccantini (2000), somente ocorreu no início da década de 1980, época que coincide com os reflexos gerados pelo investimento na produção cultural tanto política quanto mercadologicamente. Assim, observando o ínterim entre o período em que se inicia uma vasta produção literária dirigida ao público jovem e os dias de hoje, podemos considerar a literatura juvenil como um acontecimento relativamente recente, posto que não perfaz meio século de existência.

Como consequência de uma imensa quantidade de obras, escritores e editoras, no campo da leitura e do ensino da literatura, temas diversos vêm há algum tempo provocando pesquisadores e estudiosos, de modo que muitas são as discussões acadêmicas em torno de metodologias de ensino da literatura, de estratégias de leitura, de letramento literário, entre outros temas afeitos à literatura dentro e fora da sala de aula. No entanto, sobre o objeto de leitura – as obras literárias –, percebemos uma escassez de investigações quanto ao estudo do romance para adolescentes. Mesmo as

investigações sobre a literatura infantil e juvenil não são muitas, como reverbera Ceccantini (2004, p. 29):

Embora já contemos no país com alguns estudos significativos sobre a literatura infanto-juvenil, o conjunto da produção de pesquisa sobre o assunto ainda é tímido, sobretudo se considerarmos o que vem sendo feito em países como os Estados Unidos, a Alemanha ou a França.

Diante disso, investigamos o panorama do gênero romance juvenil na contemporaneidade brasileira, a fim de conhecer o estado da arte e títulos do gênero disponíveis no mercado, no período corresponde aos últimos 11 anos<sup>1</sup>, a partir da consulta junto ao Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e do rol de obras contempladas pelo Prêmio Jabuti. Consideramos esta pesquisa pertinente na medida em que contribui para a construção do conhecimento de um tema não muito debatido cientificamente, bem como por ser o romance para adolescentes, muitas vezes, preterido por leituras de obras canônicas da literatura não adjetivada, constituindo um gênero problematizado dentro de outro também polêmico, como é a própria literatura infantil e juvenil. Assim, nossa pesquisa se justifica por se dedicar ao estudo de um gênero que ainda não tem seu lugar bem definido na Academia, mas sobretudo, dentro do espaço escolar.

É importante ressaltar que nosso estudo se pautou em quantificar as pesquisas realizadas, a partir dos títulos dos trabalhos depositados, no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, referentes ao romance juvenil, sem procurar investigar qualitativamente esse *corpus*. Com efeito, visamos a entender se o gênero tem sido estudado e a tomar conhecimento sobre os números no que diz respeito ao mercado editorial (tomando por base a premiação da Câmara Brasileira do Livro), para, por fim, compreender, dentro do contexto científico-acadêmico, o que esses resultados representam.

A partir dos dados coletados no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e do site do Prêmio Jabuti (2007-2017), buscamos obter dados sobre o romance juvenil brasileiro, na contemporaneidade, quanto ao estado da arte e à produção editorial. Para tanto, empregamos como referencial teórico os estudos de Ceccantini (2004; 2010),

---

<sup>1</sup> O íterim determinado para a seleção do *corpus* pautou-se no intuito de estabelecermos uma quantidade razoável de obras dentro das delimitações deste trabalho.

Cruvinel (2009), Delbrassine (2006), Gregorin Filho (2011), Zappone (2015), entre outros.

## **2 Aspectos teóricos sobre a literatura juvenil e percurso metodológico da pesquisa**

Falar em literatura juvenil, leva-nos, imediatamente, a pensar no conceito de juventude e nas peculiaridades que essa etapa da vida dos jovens apresenta-nos. Nesse sentido, Gregorin Filho afirma que não existe uma categorização que fixe a faixa etária para a fase jovem de nossas vidas. Para ele (2011, p. 15), “[e]la começa no período transitório da puberdade, mas se apresenta como uma representação social, um ideal das sociedades, e abarca uma intrincada rede de valores.” Assim, não há consenso sobre os limites etários dessa etapa pela qual todos nós passamos, já que, entre outros aspectos, essa determinação variará de acordo com a abordagem adotada, quer seja histórico-sociológica, biológica, psicológica, entre outras. Não obstante essa indeterminação, esse público é destinatário de um tipo de literatura produzida para eles, o romance juvenil, que, por sua vez, também apresenta uma natureza ainda controversa.

Em consonância com essa afirmação, temos o posicionamento da professora Dolores Prades (2012). Em matéria publicada na *Revista Emília - online*, ela entende que os limites dessa literatura são desprovidos de clareza e consenso, tendo em vista que “[a] identificação de um determinado gênero não dá conta de todas as questões que ele suscita.” (PRADES, 2012, *online*). Para ela, a literatura juvenil foi concebida artificialmente, assim, está mais relacionada com um caráter utilitário, ao trazer discussões sobre normas de conduta ou temas transversais tão em voga no âmbito escolar:

[Q]uem trabalha com esse público sabe que suas origens são múltiplas e não apenas sociais e culturais – a literatura juvenil se impõe obedecendo determinadas regras e critérios externos. Muitos deles responsáveis por uma grande amostragem desta produção editorial que se destina e se produz tendo como referência e finalidade o mediador e as suas necessidades e não o jovem leitor.” (PRADES, 2012, *online*).

Ao lado desse entendimento em que se assevera a indeterminação e a artificialidade da literatura juvenil, caminham algumas linhas que procuram

compreendê-la à luz de variadas concepções. Nesse sentido, Beatriz Helena Robledo (2011) elenca as obras juvenis da seguinte forma:

a) obras que se destinam a um público homogêneo e preconcebido: para a estudiosa, essa linha leva em consideração o interesse mercadológico no estabelecimento de nichos mais precisos. Nesse âmbito, é requerida a produção de obras com temáticas “próprias” para a faixa etária, assim teremos narrativas que levantam discussões sobre drogas, bulimia, sexo etc., funcionando como uma espécie de manual de autoajuda. A autora fala em

[L]ivros feitos para o consumidor mediano, neste caso, destinado à faixa entre 12 e 16, encaixados em modelos cuidadosamente estudados pela psicologia de mercado, para que cheguem – não a um leitor, no sentido sociológico ou antropológico do termo – mas sim a um consumidor mediano, a um “target” previamente analisado. (ROBLEDO, 2011, *online*).

b) obras denominadas como nova literatura em valores ou psicoliteratura (LLUCH, 2005): são obras que apresentam normas de conduta, que tratam de sentimentos vividos por adolescentes ou abordam a realidade de adultos. Tanto a linha anterior como esta são realistas, porém diferenciam-se pelo fato de a primeira ser identificada, conforme já mencionamos, como de autoajuda, e esta como um manual do politicamente correto.

Sobre esse tipo de obra, Delbrassine explica que há uma tendência da literatura juvenil de língua francesa para o retorno à literatura de formação sob o viés que ele chama de “pédagogie invisible” – pedagogia invisível –, em que a transmissão de critérios de conduta se dá de forma não explícita: “La disparition du didactisme explicite, chez Tournier comme au sein du corpus, répond bien sûr aux exigences des jeunes lecteurs contemporains”.<sup>2</sup> (2006, p. 368). O autor belga, em sua análise, entretanto, não vê essa tendência como algo negativo ou menor, não considera que as escolhas narrativas direcionadas a um público específico seja um recurso empobrecedor para a narrativa:

---

<sup>2</sup> “O desaparecimento do didatismo explícito, tanto em Tournier quanto no corpus, atende às exigências dos jovens leitores contemporâneos.” (DELBRASSINE, 2006, p. 368, tradução nossa).

Toutefois, si l'on admet que toute littérature s'écrit en fonction d'un lecteur destinataire plus ou moins précis, la prise en considération des exigences particulière de ce lecteur ne doit pas être susceptible de disqualifier quelque littérature que ce soit. (DELBRASSINE, 2006, p. 405).<sup>3</sup>

c) obras fantásticas ou maravilhosas: ao contrário das anteriores que retratam a realidade, estas empregam “[...] ingredientes da mitologia, dos contos maravilhosos, a tensão e o enfrentamento entre seres do bem e do mal, e a presença de seres mágicos, que permitem expandir as fronteiras tediosas e chatas do mundo real.” (ROBLEDO, 2011, *online*).

d) obras com protagonistas adolescentes: identificada por Robledo, em uma pesquisa sobre jovens leitores latino-americanos, como uma literatura em que há presença de personagens jovens entre 12 e 16 anos. O enredo é sempre o mesmo, o adolescente tem um conflito com um adulto, que representa uma autoridade para ele. A narrativa não apresenta recursos literários relevantes, o elemento mais encontrado é o *flashback* ou a não linearidade da narrativa, em que passado e presente se alternam.

A tipologia apresentada por Robledo (2011) visa a comprovar, segundo a sua visão, o caráter mercadológico das obras juvenis, fato que a torna “[...] tão alheia à obra de arte, à peça única carregada de sentidos, que se pode ler muitas vezes sem esgotar seus significados profundos e misteriosos.” (ROBLEDO, 2011, *online*). A autora ainda acentua o caráter mimético dessas obras, tendo em vista que

[...] oferece[m] ao adolescente um mundo igual ao que ele vive, em muitos casos, mais pobre e reduzido, o que lhe priva da experiência literária profunda, complexa e, sobretudo, sensível. O que o adolescente menos necessita é ver-se refletido. É importante uma literatura que os interpele e os convoque, mas que ao mesmo tempo os desafie. Literatura que tente tornar compreensível a complexidade da vida, que explore seus mistérios e contradições, que possa mostrar a condição humana em toda sua grandiosidade e miséria. (ROBLEDO, 2011, *online*).

Pela classificação de Robledo, notamos um olhar crítico da autora sobre a literatura juvenil, considerada, por ela, como uma reunião de obras de baixa qualidade

---

<sup>3</sup> “No entanto, se se considerar que qualquer literatura é escrita em função de um leitor destinatário mais ou menos preciso, levando em consideração os requisitos particulares deste leitor, não deve ser suscetível de desqualificar qualquer literatura que seja.” (DELBRASSINE, 2006, p. 405, tradução nossa).

estética, com narrativas facilitadas e óbvias, e dirigidas para um público estigmatizado. É inequívoco que obras juvenis ruins existem, contudo há também obras primas que conseguem cumprir o seu papel enquanto elemento artístico necessário para proporcionar a verdadeira experiência literária. Nesse sentido, Cruvinel (2009, p. 10) expõe:

O mercado editorial hoje apresenta um sistema de produção que busca captar o interesse dos mais diferentes leitores. Com a literatura juvenil não é diferente. Há coleções voltadas para os jovens, obras lançadas no mercado como juvenis e, conseqüentemente, escritores empenhados na produção de narrativas que atraiam o interesse de um leitor em formação. Para confirmar a importância desse campo, prêmios literários buscam reconhecer a legitimidade desse campo e divulgar as obras que se destacam preponderantemente por sua qualidade estética.

Não se pode duvidar, dessa forma, que obras premiadas, após o crivo da crítica especializada, sejam de qualidade. No Brasil, temos alguns prêmios nessa área, como o Jabuti, promovido Câmara Brasileira do Livro, e o da FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil —, bem como programas que elencam obras de qualidade considerados como instâncias legitimadoras da literatura infantil e juvenil. O PNBE – Programa Nacional Biblioteca na Escola—, criado em 1997 pelo FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação —, e em funcionamento até 2015, por meio de um colegiado, avaliava obras, levando em consideração “[...] vários quesitos, desde a qualidade gráfico-editorial, material, estética e temática das obras [...]” (ZAPPONE, 2015, p. 95). Realizada a avaliação, as listas com as obras selecionadas eram divulgadas e, estas, enviadas às escolas, no intuito de promover a leitura, ressaltando a qualidade estético-literária.

Acerca de prêmios literários, sobretudo, de obras destinadas aos públicos infantil e juvenil, Turchi (2016, p. 84) menciona um aspecto contraditório que circunda o tema:

Certamente, os prêmios revelam as obras, consagram seus autores e ajudam a construir um conjunto de valores estéticos e culturais, sistematizados pela teoria e pela crítica literária, mas também induzem a indústria cultural a investir em linhas editoriais voltadas à produção literária dessas categorias. A questão é complexa porque não envolve apenas o questionamento do fenômeno artístico literário, mas confronta as dimensões estéticas com o delineamento do infantil e do juvenil, conceitos ligados a contextos sociais e econômicos



específicos, muitas vezes ambíguos, com zonas de intersecção e de fronteira.

Como podemos notar, diante do que apresentamos até o momento, estamos em um terreno movediço. Ao lado do entendimento de Robledo que evidencia a literatura juvenil como artificial e comparada a uma cópia da vida do adolescente, há aqueles que reconhecem a existência dessa literatura por meio de obras caracterizadas como complexas e dotadas de uma estética realmente relevante, como Sandra Beckett, estudiosa canadense mencionada por Cruvinel (2009), em sua pesquisa, para quem a literatura juvenil é uma sobreliteratura, um gênero melhor.

Melhor ou pior, a Literatura Juvenil aí está, sendo produzida, e desde a década de 70 tem revelado nomes importantes que compõe um cânone do gênero: “[...] Lygia Bojunga Nunes, Ana Maria Machado, Ziraldo, Ruth Rocha, Joel Rufino dos Santos, Stella Carr e João Carlos Marinho, cujas obras contribuíram para a formação de uma tradição literária no Brasil para crianças e jovens.” (TURCHI, 2016, p. 83). Porém se mostra pouco estudada e, quando o é, ainda se depara com embate *teoria x prática*:

É curioso observar que, no contexto desses vários campos do conhecimento [histórico, psicopedagógico, psicanalítico, histórico-literário, literário e artístico] que se debruçam sobre a literatura infanto-juvenil, ocorrem frequentemente polarizações que têm em sua base o caráter *mais teórico* ou *mais aplicado* na visada que se dá ao objeto. Cria-se uma espécie de querela que opõe os pesquisadores de áreas mais diretamente ligadas aos “pragmáticos” do gênero (professores de Ensinos Infantil e Fundamental, psicólogos, pedagogos, bibliotecários, animadores culturais), voltados à formação do leitor e ao desenvolvimento afetivo e cognitivo da criança e do jovem, e aqueles que arremetam os “teóricos” do gênero (críticos literários, historiadores, psicanalistas, jornalistas-resenhadores da grande imprensa), estes, mais preocupados com a autonomia do objeto focalizado e suas relações com a série literária e a histórica. (CECCANTINI, 2004, p. 23).

Para além dessa questão, ainda há um outro problema apontado por Ceccantini (2004): a falta de sistematização dos estudos. O pesquisador assevera que houve um crescimento no que diz respeito às pesquisas sobre literatura infantil e juvenil, porém essa expansão foi assistemática e fragmentária, o que para ele

[...] tem impedido que se definam com maior clareza prioridades para a pesquisa da literatura infanto-juvenil brasileira, de modo a assegurar



a constituição de uma base sólida de tal modo que o campo possa de fato avançar numa perspectiva horizontal ou vertical. (CECCANTINI, 2004, p. 27).

Além dessa carência, “[...] está quase tudo ainda para ser feito no campo da literatura infantil-juvenil no Brasil” (CECCANTINI, 2004, p. 30). Por isso, decidimos buscar desenvolver um panorama desse tipo de romance a partir dos livros selecionados pelo Prêmio Jabuti (2007-2017) e conhecer o que tem sido estudado pela academia, partindo de teses e dissertações, por compreendermos que, pesquisando por esse viés, conheceríamos melhor o contexto editorial e científico de obras de qualidade estético-literária.

O método adotado na nossa pesquisa é o indutivo, visto que a partir da observação das instâncias eleitas para estudo, como a acadêmica e a editorial, buscamos apontar aspectos gerais acerca do romance juvenil. Além disso, nossa pesquisa apresenta um caráter contributivo, na medida em que elenca títulos e autores que podem ser investigados, oferecendo parâmetros e tendências para a história, a crítica e o ensino da literatura juvenil brasileira.

Assim, para a realização desta pesquisa, traçamos o seguinte percurso metodológico: inicialmente, realizamos uma revisão bibliográfica acerca do tema, nos estudos de Ceccantini (2004; 2010), Cruvinel (2009), Delbrassine (2006), Gregorin Filho (2011), Zappone (2015), entre outros que serão citados no decorrer deste trabalho.

Na sequência, buscamos traçar o estado da arte sobre o tema, a partir de buscas realizadas junto ao Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, no intuito de conhecer estudos científicos que tratam do romance juvenil brasileiro na contemporaneidade, além de nos oferecer um panorama sobre o que estamos investigando e quais as tendências dessas pesquisas.

Ferreira (2002, p. 258) entende que as pesquisas denominadas “estado da arte” ou “estado de conhecimento”

[...] parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção

acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado.

Em seguida, procuramos identificar o que existe no mercado editorial, enumerando os títulos contemplados pelo Prêmio Jabuti (2007-2017), a fim de verificar quantos são romances juvenis no conjunto de obras premiadas, quais são e quem são seus autores e editoras. Aqui, consideramos somente as obras literárias brasileiras, as quais foram agraciadas pela primeira, segunda e terceira colocação pela Câmara Brasileira do Livro.

Após a coleta dos dados quantitativos, apresentamos aspectos gerais do panorama do romance juvenil brasileiro contemporâneo dentro do íterim delimitado, mediante uma análise qualitativa das informações levantadas, em nossas considerações finais.

### **3 O romance juvenil no catálogo de teses e dissertações da capes**

Catálogos, de um modo geral, apresentam como função reunir informações que facilitam e sistematizam as consultas. Ferreira (2002, p. 261) preceitua que esses instrumentos “[...] permitem o rastreamento do já construído, orientam o leitor na pesquisa bibliográfica de produção de uma certa área.”

De acordo com o que conta do site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes –, o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, inicialmente, denominado Banco de Teses e Dissertações, começou a ser alimentado, em 1987, por um aplicativo, o “Coleta”, mas, desde 1996, o sistema de alimentação se dá pelo “Cadastro de Discentes”, outro aplicativo.

Esse catálogo “[...] é um sistema de busca bibliográfica, que reúne registros desde 1987. Possui como referência a Portaria nº 13/2006, que instituiu a divulgação digital das teses e dissertações produzidas pelos programas de doutorado e mestrado reconhecidos.” (CAPES, 2010, *online*). A busca junto ao *site* pode ser feita por autor, título e/ou palavra-chave.

Consultando o *site* Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, verificamos que utilizando como termos de busca “romance juvenil”, “romances juvenis” e “romance

para jovens”, expressões que se relacionam diretamente com o nosso objeto de pesquisa, obtivemos 6 (seis) ocorrências<sup>4</sup>:

- JUSTINO, CAMILA PIRES E ALBUQUERQUE. Celestino. 01/04/2012. 174 f. Mestrado em Letras Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Central.  
Palavras-chave: Romance juvenil. Trajetória da escrita. Ficção. Literatura contemporânea.
- DONADONI, MARCILENE MOREIRA. *As personagens em “O Fazedor de Velhos”*, de Rodrigo Lacerda. 01/04/2016. 146 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, Três Lagoas Biblioteca Depositária: Sessão de Biblioteca do Campus de Três Lagoas.  
Palavras-chave: Literatura juvenil brasileira. Fortuna Crítica. Estrutura Narrativa. Rodrigo Lacerda.
- ANJOS, VALÉRIA MARIA SANTANA BRITTO DOS. *Ênfase à leitura literária na escola: um caminho para a formação do leitor crítico*. 21/08/2015. 115 f. Mestrado Profissional em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, Natal Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do Campus V – UNEB.  
Palavras-chave: Docente – Memória. Professores primários. História da Educação na Bahia. Organização Docente.
- BASÍLIO, RICARDO ELOI. *Uma análise da franquia crepúsculo: o high concept e a diluição do horror* 29/01/2015. 56 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, São Paulo Biblioteca Depositária: Campus Vila Olímpia.  
Palavras-chave: High Concept. Franquia. Gêneros cinematográficos. Saga Crepúsculo. Hollywood.
- AIRES, LILIAN ROSA. *Espaço e identidade: em “A mocinha do mercado central”*, de Stella Maris Rezende. 19/03/2015. 102 f. Mestrado em ESTUDOS

---

<sup>4</sup> Para essa busca não houve refinamento temporal.

DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia Biblioteca Depositária: Biblioteca Regional Catalão.

Palavras-chave: Espaço. Identidade. Literatura juvenil. Topoanálise.

- PINTO, KYSSIA RAFAELA ALMEIDA. *Configurações Homoafetivas em Romances Juvenis*. 01/05/2012. 136 f. Mestrado em LITERATURA E INTERCULTURALIDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA, CAMPINA GRANDE Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UEPB.

Palavras-chaves: Análise literária. Literária infanto-juvenil. Homoafetividade.

Observando os títulos e as palavras-chave dos abstracts das pesquisas acima mencionadas realizadas a partir dos termos mencionados anteriormente, temos como objeto das investigações: (a) o estudo de obra brasileira, em *As personagens em “O Fazedor de Velhos”*, de Rodrigo Lacerda, e *Espaço e identidade: em “A mocinha do mercado central”*, de Stella Maris Rezende; (b) estudo de literatura estrangeira em *Uma análise da franquia Crepúsculo: o high concept e a diluição do horror*; (c) o estudo de temática em romances juvenis (homoafetividade) em *Configurações Homoafetivas em Romances Juvenis*; (d) o estudo de literatura e ensino em *Ênfase à leitura literária na escola: um caminho para a formação do leitor crítico*; e (e) uma produção ficcional em *Celestino*.

Tais resultados apontam, *a priori*, para a ausência, dentro das delimitações desta pesquisa, de trabalhos sobre o romance juvenil brasileiro de forma ampla, os quais ultrapassem o estudo de obras isoladas ou de temáticas pontuais, e caminhe para uma teoria do romance juvenil brasileiro contemporâneo, apresentando títulos do gênero, características estéticas, tendências temáticas, entre outros aspectos pertinentes para o conhecimento acerca desse gênero.

#### **4 O romance juvenil no Prêmio Jabuti**

O surgimento de prêmios destinados ao reconhecimento do valor de obras da literatura infanto-juvenil brasileira está diretamente relacionado à produção e ao seu impulsionamento com o *boom* ocorrido nos anos 70. Assim, a Câmara Brasileira do

Livro, responsável pelo Prêmio Jabuti, foi criada em 1959, e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, em 1974, entre outras instituições, como resultado direto desse movimento. Para Ceccantini (2000, p. 49),

[é] significativo o aparecimento dos prêmios da APCA e da FNLIJ nesse momento de expansão do mercado editorial, pois eles vêm dar sua contribuição para a institucionalização do subgênero, institucionalização que já começara no período anterior, demonstrando que ele passa a ser produzido e a circular entre nós segundo moldes mais complexos, articulado como uma espécie de *sistema* (ou subsistema) que prevê, entre outros aspectos, instituições que o legitimem, tal como ocorre no caso da literatura “adulta”.

O Prêmio Jabuti, criado em 1958, pela Câmara Brasileira do Livro, resultou de uma série de discussões sobre a premiação de autores, editores, entre outras categorias, iniciadas durante a vigência da diretoria do biênio 1955-1957, pelo então presidente Edgar Carvalho, o secretário Mário da Silva Brito e outros membros. Essas discussões iniciadas naquela gestão tiveram continuidade na seguinte, de forma que, em 1958, Diaulas Riedel, presidente do biênio 1957-1959, dirigiu a primeira solenidade de premiação.

De acordo com o Regimento Interno de 1959, havia sete categorias para o prêmio: Literatura, Capa, Ilustração, Editor do Ano, Gráfico do Ano, Livreiro do Ano e Personalidade Literária. Da primeira edição do Prêmio Jabuti até hoje, foram inseridas novas categorias, envolvendo, inclusive, a literatura infantil e juvenil.

A categoria juvenil somente foi considerada independente da infantil por essa premiação, a partir de 2005.

Quanto à questão da *categoria* “juvenil”, é interessante observar que, no curso do tempo, a variação do nome dado às categorias de premiação corresponde à própria ambiguidade que tem caracterizado o gênero e a resistência em aceitar seu estatuto; de outro lado, também varia o gênero da obra premiada, se se considerar agora não a oposição infantil/juvenil, mas oposições do tipo narrativa/poesia/ensaio/biografia/texto informativo. (CECCANTINI, 2000, p. 50-51).

Os critérios considerados pelos avaliadores nas categorias infantil e juvenil na edição de 2018, de acordo com o regulamento do Prêmio Jabuti, são:

- atratividade e estímulo à leitura; convite à imaginação;
- caráter formativo em conhecimentos ou de valores;
- adequação da linguagem e do tema à faixa etária.

De 2007 a 2017, formam agraciadas com a premiação de primeiro, segundo e terceiro lugar as seguintes obras da categoria juvenil:

Tabela 1 – Ranking das edições do Prêmio Jabuti 2007-2017

ANO	LUGAR	TÍTULO	AUTOR(A)	EDITORIA	GÊNERO
2007	1º	<i>Adeus contos de fadas</i>	Leonardo Brasiliense	7Letras	Minicontos
	2º	<i>Ciumento de carteirinha</i>	Moacyr Scliar	Ática	Romance
	3º	<i>Alice no espelho</i>	Laura Bergallo	SM Edições	Romance
		<i>O melhor time do mundo</i>	Jorge Vivieros de Castro	Cosac Naify	Romance
2008	1º	<i>O barbeiro e o judeu da prestação contra o sargento da motocicleta</i>	Joel Rufino dos Santos	Moderna	Romance
	2º	<i>Tão longe... Tão perto</i>	Silvana de Menezes	Editora Lê	Romance
	3º	<i>Mestres da Paixão – aprendendo com quem</i>	Domingos Pellegrini	Moderna	Autobiografia

		<i>ama o que faz</i>			
2009	1º	<i>O fazedor de velhos</i>	Rodrigo Lacerda	Cosac Naify	Romance
	2º	<i>Cidade dos deitados</i>	Heloisa Prieto	SESC São Paulo	Conto
	3º	<i>A distância das coisas</i>	Flávio Carneiro	SM Edições	Romance
2010 <sup>5</sup>	1º	<i>Avó Dezanove e o segredo do soviético</i>	Ondjaki	Editores contexto	Romance
	2º	<i>Marginal à esquerda</i>	Ângela Lago	Editores RHJ	Conto
	3º	<i>Sofia e outros contos</i>	Luiz Vilela	Saraiva	Conto
2011	1º	<i>Antes de virar gigante e outras histórias</i>	Marina Colasanti	Ática	Poesias, crônicas e contos
	2º	<i>O poeta que fingia</i>	Álvaro Cardoso Gomes	Ática	Romance
	3º	<i>Sortes de Villamor</i>	Nilma Lacerda	Ática	Romance
2012	1º	<i>A mocinha do mercado central</i>	Stella Maris Rezende	Globo	Romance
	2º	<i>A guardiã dos segredos</i>	Stella Maris Rezende	SM Edições	Romance

<sup>5</sup> Apenas consideraremos obras de autoria brasileira, por essa razão o romance de Ondjaki não foi contabilizado nesta pesquisa.



		<i>de família</i>			
	3º	<i>As memórias de Eugênia</i>	Marcos Bagno	Editora Positivo	Romance
2013	1º	<i>Namíbia, não!</i>	Aldri Anunciação	Universidade da Bahia	Dramático
	2º	<i>Os anjos contam histórias</i>	Luiz Antonio Aguiar	Melhoramentos	Romance
	3º	<i>Ouro dentro da cabeça</i>	Maria Valéria Rezende	Autêntica	Romance
2014	1º	<i>Fragosas brenhas do mataréu</i>	Ricardo Azevedo	Ática	Romance
	2º	<i>As gêmeas da família</i>	Stella Maris Rezende	Globo	Romance
	3º	<i>Uma escuridão bonita</i>	Ondjaki	Pallas Editora	Romance
2015	1º	<i>A linha negra</i>	Mário Teixeira	Scipione	Romance
	2º	<i>Os olhos cegos dos cavalos loucos</i>	Ignácio de Loyola Brandão	Moderna	Conto
	3º	<i>Memórias quase póstumas de Machado de Assis</i>	Álvaro Cardoso Gomes	FTD Educação	Romance
2016	1º	<i>O labatruz e outras</i>	Judith Nogueira	Quatro Cantos	Contos

		<i>desveneturas</i>			
	2º	<i>Cartas a povos distantes</i>	Fábio Monteiro	Paulinas	Conto
	3º	<i>Iluminuras</i>	Rosana Rios	Editora Lê	Romance
2017	1º	<i>Dentro de mim ninguém entra</i>	José Castello	Berlendi & Vertechia	Ensaio biográfico
	2º	<i>Vozes Ancestrais</i>	Daniel Munduruku	FTD Educação	Contos
	3º	<i>O caderno da avó Clara</i>	Susana Ventura	SESI-SP Editora	Romance

Fonte: Elaborada pela autora

Do ano de 2007 a 2017, houve 11 (onze) edições do Prêmio Jabuti, em que foram premiadas 32 (trinta e duas) obras de literatura juvenil brasileira, entre as quais 20 (vinte) pertencem ao gênero romance, o que na premiação evidencia prestígio ao gênero:

- *Ciumento de carteirinha*, de Moacir Scliar; *Alice no espelho*, de Laura Bergallo; *O melhor time do mundo*, de Jorge Viveiros de Castro (2007);
- *O barbeiro e o judeu da prestação contra o sargento da motocicleta*, de Joel Rufino dos Santos; *Tão longe... Tão perto*, de Silvana de Menezes (2008);
- *O fazedor de velhos*, de Rodrigo Lacerda; *A distância das coisas*, de Flávio Carneiro (2009);
- *O poeta que fingia*, de Álvaro Cardoso Gomes; *Sortes de Villamor*, de Nilma Lacerda (2011);
- *A mocinha do mercado central* e *A guardiã dos segredos de família*, de Stella Maris Rezende; *As memórias de Eugênia*, de Marcos Bagno (2012);
- *Os anjos contam histórias*, de Luiz de Antonio Aguiar; *Ouro dentro da cabeça*, de Maria Valéria Rezende (2013);
- *Fragosas brenhas do mataréu*, de Ricardo Azevedo; *As gêmeas da família*, de Stella Maris Rezende; (2014);

- *A linha negra*, de Mário Teixeira; *Memórias quase póstumas de Machado de Assis*, de Álvaro Cardoso Gomes (2015);
- *Iluminuras*, de Rosana Rios (2016);
- *O caderno da avó Clara*, de Susana Ventura (2017).

Os demais gêneros premiados em outras edições foram: minicontos (1); antologia com poesias, contos e crônicas (1); texto dramático (1); contos (7); autobiografia (1); ensaio biográfico (1). Como podemos perceber, é representativo o número de romances frente aos demais gêneros, à medida que perfaz 62,5% do total de obras brasileiras laureadas pelo Prêmio Jabuti, enquanto o número de obras de contos, segundo gênero com mais ocorrência no *ranking*, perfaz 18,75%.

Stella Maris Rezende – com *A mocinha do mercado central*, *A guardiã dos segredos de família* e *As gêmeas da família* – e Álvaro Cardoso Gomes – com *O poeta que fingia* e *Memórias quase póstumas de Machado de Assis* – foram os únicos autores brasileiros com romances juvenis premiados mais de uma vez durante o período delimitado. Os demais autores de romances juvenis brasileiros foram premiados uma única vez: Moacyr Scliar (*Ciumento de carteirinha*), Laura Bergallo (*Alice no espelho*), Jorge Vivieros de Castro (*O melhor time do mundo*), Joel Rufino dos Santos (*O barbeiro e o judeu da prestação contra o sargento da motocicleta*), Silvana de Menezes (*Tão longe... Tão perto*), Rodrigo Lacerda (*O fazedor de velhos*), Flávio Carneiro (*A distância das coisas*), Nilma Lacerda (*Sortes de Villamor*), Marcos Bagno (*As memórias de Eugênia*), Luiz Antonio Aguiar (*Os anjos contam histórias*), Maria Valéria Rezende (*Ouro dentro da cabeça*), Ricardo Azevedo (*Fragosas brenhas do mataréu*), Mário Teixeira (*A linha negra*), Rosana Rios (*Iluminuras*) e Suzana Ventura (*O caderno da avó Clara*).

Quanto às editoras, 12 (doze) foram premiadas com publicação de romances juvenis, sendo a Ática a mais laureada com 4 (quatro) prêmios, seguida pela SM Edições, com 3 (três). A Cosac Naify, a Editora Lê e a Globo foram contempladas com 2 (dois) prêmios cada uma delas. As demais – Moderna, Editora Positivo, Melhoramentos, Autêntica, Scipione, FTD Educação e SESI- SP Editora – foram premiadas uma única vez com a publicação de romances juvenis durante o intervalo de tempo estudado.

## **Para um desfecho**

Consultando obras teóricas destinadas ao estudo da literatura juvenil, como: *Narrativas juvenis: outros modos de ler*, organizadas por Ceccantini e Pereira (2008) e *Narrativas juvenis: geração 2000*, organizadas por Aguiar, Ceccantini e Martha (2012), observamos o interesse pela literatura juvenil, no entanto a especificidade do romance não aparece. Isso não se dá de forma isolada, pois muitas investigações se dedicam ao estudo de alguma obra ou conjuntos de obras de um dado autor ou mesmo de temáticas, detendo-se, portanto, em especificidades.

Ceccantini (2000), em sua tese intitulada *Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada (1978-1997)*, busca traçar um panorama da narrativa juvenil. Notamos, assim, que muito embora as obras citadas no parágrafo anterior sucedam a esta em 8 e 12 anos, a tendência parece buscar consolidação ou está em vias de solidificar-se, num campo intermediário da pesquisa.

Nossa pesquisa quantitativa realizada junto ao Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e junto ao site do Prêmio Jabuti leva-nos a perceber que o número de romances de qualidade destinados a adolescentes é bastante significativo, na contemporaneidade, tendo em vista que mais de 62% dos títulos premiados pertencem a esse tipo de narrativa. Em contrapartida, notamos, dentro dos limites desta pesquisa, a carência de estudos sobre esse gênero, fato que confirma a hipótese do nosso estudo, no sentido de que o romance juvenil brasileiro ainda não é dotado de uma sistematização e uma teorização que determine sua fisionomia, de modo que sirva como recurso informativo para professores, bibliotecários e estudantes.

Pelos motivos acima, compreendemos como oportuno apresentarmos um panorama em que a produção editorial de qualidade do romance juvenil se destacasse frente ao demais gêneros. Fato que confirma a necessidade de empreender esforços no sentido de especialistas e pesquisadores da área debruçarem-se mais em estudos sobre esse gênero, a fim de transpor a deficiência que constatamos e comprovamos de forma ainda bastante incipiente, mas que, por amostragem, podemos confirmar a realidade no campo das pesquisas acerca do romance juvenil brasileiro.

Concluimos, dessa forma, nossa pesquisa com o sentimento de darmos continuidade aos estudos nessa área, visando a ampliar conhecimentos e a contribuir, minimamente que seja, com os estudos nessa área do conhecimento. Compreendemos que jovens que têm acesso a uma leitura de bom nível, certamente, conseguirão progredir intelectualmente. Como amantes da literatura, compreendemos que ela é um meio bastante promissor para o desenvolvimento humano. Quem lê, não apenas viaja pelo mundo, mas também pode (re)criá-lo, (re)inventá-lo.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Áurea Penteadó. (Orgs.). *Narrativas juvenis: geração 2000*. São Paulo: Cultura Acadêmica, Assis: ANEP, 2012.

CECCANTINI, João Luís; PEREIRA, Rony Farto (Orgs.). *Narrativas juvenis: outros modos de ler*. São Paulo: Editora UNESP, Assis: ANEP, 2008.

\_\_\_\_\_. Perspectivas de pesquisa em literatura infanto-juvenil. In: CECCANTINI, João Luís (Org.). *Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmica, Assis: ANEP, 2004. p. 19-37.

\_\_\_\_\_. *Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada (1978-1997)*. Tese (Doutorado), Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, 2000.

CRUVINEL, Larissa Warzocha Fernandes. *Narrativas juvenis brasileiras: em busca da especificidade do gênero*. Tese de Doutorado em Letras e Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2009.

DELBRASSINE, Daniel. *Le roman pour adolescents aujourd'hui: écriture, thématiques et réception*. Liège: Scérén, 2006.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *As pesquisas denominadas “estado da arte”*. Educação & sociedade. V. 23, n. 79, p. 257-272, 2002.

PRADES, Dolores. Literatura juvenil ou leitura juvenil? In.: *Revista Emília*. Jan. 2012. Seção Polêmicas e Reflexões. Disponível em: <<http://revistaemilia.com.br/literatura-juvenil-ou-leitura-juvenil/>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

ROBLEDO, Beatriz Helena. Literatura juvenil, ou uma maneira jovem de ler literatura? *Revista Emília*. Nov. 2011. Seção Cultura Jovem. Disponível em: <<http://revistaemilia.com.br/literatura-juvenil/>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

TURCHI, Maria Zaira. *Narrativas juvenis: a inovação literária em busca do leitor*. FronteiraZ. N. 17, p. 81-92, 2016.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. *Narrativa juvenil brasileira no acervo PNBE 2013: faces urbanas da representação social*. Revista Teias. V. 16, n. 41, p. 89-107, 2015.

Sites consultados:

CAPES. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/acessoainformacao/perguntas-frequentes/periodicos/3571-como-funciona-o-banco-de-teses>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

PRÊMIO JABUTI. Disponível em: <<https://www.premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao/>>. Acesso em: 3 abr. 2018.

E-DICIONÁRIO DE TERMOS LITERÁRIOS DE CARLOS CEIA. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/arquileitor/>>. Acesso em: 16 set. 2018.

Data de recebimento: 26/09/2018

Data de aceite: 12/11/2018